

4 – [O CADERNO DIÁRIO]

(CONFERÊNCIA PEDAGÓGICA NO LICEU NORMAL DE PEDRO NUNES)

Sr. Reitor
Minhas Senhoras e
Meus Senhores:

O assunto desta conferência é para mim demasiado complicado. Tem a complicação das coisas simples e pequeninas que é, como V.^{as} Ex.^{as} muito bem sabem, a autêntica complexidade. Porém, é meu dever, por pouca sorte ~~minha~~, falar sobre o caderno diário; procurarei, mais do que fazer um estudo exaustivo e completo do assunto – coisa que aliás já está feita pelo Sr. Reitor – abordar simplesmente alguns aspetos da realidade pedagógica mais ou menos relacionados com o problema do caderno diário.

À primeira vista o problema do caderno diário é um problema restrito; porém, aprofundando um pouco, o problema do caderno diário implica toda a vida pedagógica, quer no aspeto discente, quer no aspeto docente.

{Sem pretendermos dizer alguma coisa de novo sobre o assunto – ~~que nos não interessou absolutamente nada~~ – vamos contudo fazer alguns comentários a cada uma das justificações do uso do caderno diário. Com eles apenas pretendemos lançar elementos de discordância para discussão e nada mais. Mais do que dizer o que

penso sobre o assunto, interessa-me neste momento preparar-me para ouvir o que os outros pensam e porque assim pensam.} ³⁵

Faço-o num tom de acusação. É que pretendo assim melhor me convencer da sua utilidade pela defesa que todos V.^{as} Ex.^{as} irão certamente fazer do caderno, refutando as minhas palavras. A razão por que o faço é a seguinte: tudo quanto li acerca do caderno é elogioso para o seu uso e emprego. As minhas palavras, se eu não usasse deste artifício, seriam também de elogio e assim passaria eu a dizer o que já estava dito e V.^{as} Ex.^{as} sem terem nada a dizer-me quanto à sua utilidade. Resolvi fazer o contrário. Vou atacar o uso do caderno de modo violento, excessivo, não porque assim pense mas porque com isto conseguirei de V.^{as} Ex.^{as} a refutação daquilo de que não estou convencido e por isso mesmo [ganharei] a convicção mais profunda daquilo de que às vezes duvido. Serei como estes delegados do M[inistério] Público que nos tribunais têm por ofício fazer a acusação do réu ainda que estejam convencidos da sua inocência...

O que se pretende com o caderno diário?

Segundo o *Decreto nº 18827* [de 06/09/1930], apenas isto:

- a) acostumar o aluno a fazer o registo de todos os seus trabalhos, fazendo-lhe criar hábitos de ordem e de arrumação em todas as coisas e nos seus estudos;
- b) orientar o ensino, permitindo ao aluno ver, a todo o tempo, a marcha que tem seguido nos seus estudos e ao encarregado de educação intervir oportunamente no sentido de corrigir as deficiências do seu educando;
- c) proporcionar ao professor meio eficaz de avaliar os progressos dos seus alunos e assim de, com mais segurança, lhes classificar o aproveitamento;
- d) fornecer aos diretores de classe, ao reitor e às demais autoridades escolares elementos de apreciação do serviço de cada professor.

³⁵ - { } – Parágrafo cortado no manuscrito com a menção «repetição».

a) Quanto aos «*hábitos de ordem e arrumação em todas as coisas e nos seus estudos*» que o caderno pretende criar, não julgo que o consiga [fazer]. Julgo até mesmo que pouco interessa pretendê-lo por esse meio. A arrumação e a ordem são manifestação de vida interior e todos sabem que as inibições do exterior exacerbam mais do que dominam essa mesma vida interior. A ordem não se consegue pelo exterior de fora nem por hábitos mecânicos; é produto da ação viva do mestre sobre o discípulo, pelo constante esforço de adequação de um ao outro. Portanto, pretender, pela simples escrituração dum caderno, incutir ordem e arrumação na vida do espírito do aluno parece-nos [ser] atrevida pretensão do legislador. Demais, há ainda nisso um outro abuso: pretender que todos os alunos criem a mesma ordem interior – [o] que, como V.^{as} Ex.^{as} sabem, é contrário a toda a pedagogia moderna – e ~~que desde Montaigne pôs isso em evidência~~ – que considera o aluno como uma personalidade viva, autónoma e diversa de todas as outras. Todos os alunos com curiosidades e disposições para a vida do espírito – e só estes nos interessam – têm ordem no estudo e arrumação na vida escolar. Uma ordem que é manifestação dos seus interesses e que se nós a pretendermos dominar, pode ter isso consequências péssimas para essa vida ~~do espírito~~ que é pura liberdade ou esforço de libertação. A necessidade de tirar notas, todo o aluno que pretende estudar a tem. Ao professor compete orientá-lo se ele [para] tanto manifestar interesse. Mas estatuir um tipo único de caderno, elevá-lo à categoria de instituição pedagógica fundamental é, parece-nos, pretendermos penetrar num domínio que devíamos respeitar, deixando a sua iniciativa ao aluno.

b) A justificação [na alínea] b) subdivide-se em duas partes:

- indicar ao aluno a marcha seguida nos seus estudos;
- permitir que o encarregado de educação intervenha e corrija as deficiências do seu educando.

Primeiro nego competência ao encarregado de educação para avaliar das deficiências ou virtudes do seu educando. O adolescente é [um] conjunto de virtualidades muito mais rico que o encarregado de educação e este é, no nosso meio, mais capaz de aproveitar da vida pedagógica do seu educando do que de marcar-lhe diretrizes. Segundo – a análise retrospectiva dos seus progressos poderia o

estudante fazê-la pela leitura dos sumários ou ainda pelos livros de curso. O caderno diário virá, pois, tornar ainda mais livresco um ensino já excessivamente livresco porque o aluno, avaliando os seus progressos intelectuais pela leitura do caderno diário, identificará o saber com o já aprendido e isto levá-lo-á a limitar todas as suas curiosidades ao que tinha sido escrito no caderno. Sob este aspeto, pois, o uso do caderno é pernicioso, porque lhe limita a curiosidade e lhe faz acreditar que estudar é preparar-se para exame e, sobretudo, saber o que está escrito no caderno.

Além disto ainda, o uso deste método leva-o à fixação do escrito e ao emprego repetitivo das mesmas palavras, diminuindo-lhe, portanto, as suas possibilidades de expressão, conhecida como é já a tendência – criada por este e outros métodos idênticos – para a fixação de palavras em vez da sua compreensão.

Importa dar ao aluno a noção verdadeira do saber. A ciência é uma aquisição contínua. Todo o saber é provisório e transitivo. O caderno diário pressupõe precisamente o contrário e supõe o saber adquirido como valor dogmático e definitivo. Mas isto é falso. ~~O que importa é dar-lhes a fome para que eles a saciem.~~

O caderno diário é, pois, um agente da memorização do ensino, da fixação como definitiva de toda a ciência e um poderosíssimo agente de corrupção mental, porque faz acreditar ao aluno que estudar é ter um bom caderno diário e saber – ter fixado o que lá ficou escrito. Só nas disciplinas de línguas o seu emprego se justifica, mas sem necessidade de o estatuir como pedra fundamental dum edifício que não precisa de pedras.

c) Diz ainda o *Decreto* do que o caderno diário proporciona ao professor um meio eficaz de avaliar os progressos dos alunos.

Não o julgamos nós.

O aluno é um ser vivo, uma alma em crescimento e em busca de melhores caminhos para melhor crescer espiritualmente. Só o que manifeste essa ânsia de crescimento e as suas possibilidades de iniciativa, de trabalho próprio, deve contar para a sua classificação. O que fica no caderno diário pode apenas indicar-lhe o caminho que já andou, mas o que lhe deve interessar é o caminho ainda a percorrer e as forças adquiridas para o fazer. Sob este aspeto acho o caderno criminoso, porque pretende que se classifique o aluno não pelo que é propriamente seu, mas apenas pelo que fixou dos outros ou [pelo] que os outros lhe mandaram escrever.

Quer dizer, o caderno é assim um substituto de todo o trabalho pessoal e ativo e o registo, melhor ou pior ortograficamente feito, do saber morto que o professor pretendeu fazer reviver nas suas aulas. Pretende-se com isto substituir ao ser vivo, potencial de possibilidades, que é o aluno, um caderno de papel que em vez dele deverá ser classificado. Primeiro, a classificação não é um fim e legislar qualquer coisa para que a classificação seja mais correta é esquecer os mais elementares princípios da pedagogia moderna. Segundo, a principal missão do professor não é classificar nem ensinar. Deve consistir antes em despertar curiosidades, interesses de saber e de melhor compreender as coisas, preparando o aluno para a vida da sociedade onde possa desenvolver todas as possibilidades que o ensino não tem o direito de atrofiar. Que é que disto pode ficar no caderno diário? Nada.

Por isso eu disse que o uso do caderno era criminoso: faz do ensino o que ele não deve ser – transferência do saber do professor para o aluno. Mas isto pouco interessa. Só o saber adquirido pelo próprio aluno vale e é útil; aquele que é fixado sem previamente a curiosidade do aluno o desejar é pernicioso e inútil. Ensinar é impossível. A única coisa possível ao professor que compreendeu o valor da sua alta missão é criar o desejo de aprender de saber. E para isto o caderno diário não vale nada.

Outro defeito grave do caderno diário: faz supor ao professor que ensinar bem é fazer bons sumários e arranjar boas dicotomias para ornar os cadernos. Ora tudo [o] que não levar o professor à noção de que a sua missão não é verter conhecimentos mas alargar a possibilidade de conhecimento dos alunos é mau e contraditório com a nova pedagogia.

d) A justificação [apresentada em] d) é para nós tão repugnante como as outras. Fazer do caderno diário elemento de classificação do professor, quer pelo diretor de classe, quer pelo reitor, é revelar o mesmo vício de interpretação já anteriormente revelado.

O caderno diário não pode trazer nada de novo sobre o professor a estas autoridades escolares: o sumário está no livro de ponto e os apontamentos tirados pelo aluno são apenas da sua competência e podem revelar quaisquer coisas ou coisa nenhuma somente imputável ao aluno e nunca ao professor. É esquecer que ao professor não se

mede por aquilo que ensinou, mas sim por aquilo que fez compreender ao aluno, pelos interesses que nele despertou e pelo que de novo nos domínios do pensamento, da arte e da ciência lhe revelou. E nada disto, m[inhas] S[enhoras e] m[eus] S[enhores], pode ficar em pedaços de papel presos por atilho. Não, o caderno diário não serve para nada de bom e apenas consegue automatizar mais a nossa já tão formalista vida escolar, além das consequências perniciosas já apontadas para o ensino, para o aluno e para o professor.



*F*eito o processo do caderno diário, cabe-me agora, exatamente como aos delegados do M[inistério] P[úblico], pedir a sua condenação e expulsão imediata do nosso ensino, porque ele nada mais é do que um intruso altamente prejudicial para a vida pedagógica. Vimos que é um agente de corrupção para a vida do espírito e isto é, m[inhas] S[enhoras e] m[eus] S[enhores], um crime cuja absolvição implicaria desumanidade.

O caderno diário é um agente de precarização, de inversão do que mais importa naquilo que tem menor importância. Precisamos duma pedagogia viva, orgânica, personalista, livre e não podemos consentir entre nós nada que pretenda burocratizar, mecanizar e corromper aquilo que tem custado tantos esforços à chamada Escola Nova.

A letra mata e o espírito vivifica – dizem os Evangelhos. Ora o caderno diário é a Letra que pretende a morte da iniciativa espiritual porque faz crer ao aluno que saber e progredir mentalmente é fixar as letras do caderno. A vivificação do Espírito – a única coisa que a nós pedagogos nos pode interessar – tem de ser conseguida pela ação direta e viva de alma a alma, numa constante dádiva amorosa de tudo aquilo que os pode tornar seres conscientes e homens e mulheres de vontade firme e pensamento claro.

~~Para isto nada importa o caderno diário e peço, portanto, a sua expulsão imediata do nosso ensino.~~

Extratos do debate após a conferência sobre 'O caderno diário':


Usou em seguida da palavra o estagiário do 4.º grupo, Delfim Santos. Diz que o caderno diário faz supor ao aluno que saber a matéria é saber o que está no caderno; daí resulta uma perda de tempo e de esforço...

É sua opinião que, tendo-se em vista fazer alunos conscientes, pouco importa o caderno diário; é talvez um erro considerá-lo fundamental. Pretender que todos os alunos tirem notas da mesma maneira é usurpar-lhes direitos que possuem, é cercear-lhes o espírito de iniciativa. Discorda de um ponto justificativo do caderno diário: aquele que diz ser o caderno diário um meio para se avaliar o trabalho do professor. Em seu entender, a capacidade pedagógica do professor mede-se pelo interesse que conseguiu despertar no aluno; esse sim, é o melhor meio para se aquilatar o seu valor. Repugna-lhe, portanto, que o professor seja classificado entrando-se em linha de conta com um meio de mera burocracia.

Foi dada, em seguida, a palavra ao professor G[aspar] Machado.³⁶ Disse que não percebeu quase nada do que dissera o estagiário Delfim Santos; pareceu-lhe contudo que ele condenava o sistema atual e passava ao de Dalton [...]

Usando novamente da palavra, o estagiário Delfim Santos disse ter vindo o professor G. Machado convencê-lo duma coisa de que há muito estava convencido; quis, porém, pôr-se do ponto de vista dos alunos. É opinião sua que, a ser levado o caderno diário à conta de instituição, poderá o aluno nada mais fazer do que trabalhar para o referido caderno. Não ataca, contudo, o caderno diário no sentido de ser um caderno onde se tomam notas; foi seu objetivo apenas despertar a discussão sobre um ponto de

³⁶ - Docente de Francês.

vista não tratado. Acha que o caderno diário é importante e indispensável, sob o aspeto do lugar onde o aluno regista conhecimentos que lhe interessam e lhe poderão servir como ponto de partida para novos trabalhos; receia, no entanto, que os alunos trabalhem apenas para corrigir o caderno diário. Responde à observação do professor G. Machado sobre os seus princípios de pedagogia, dizendo que apenas se quis integrar no papel do aluno. Presta homenagem a esse professor e acentua que não se enfileira junto das pessoas que criticam o caderno diário somente para se colocarem numa atitude comodista.³⁷ 

³⁷ - AAVV. (1934) Conferências pedagógicas, *Boletim do Liceu Normal de Lisboa (Pedro Nunes)* 7, ano 3, Lisboa, 337-339.